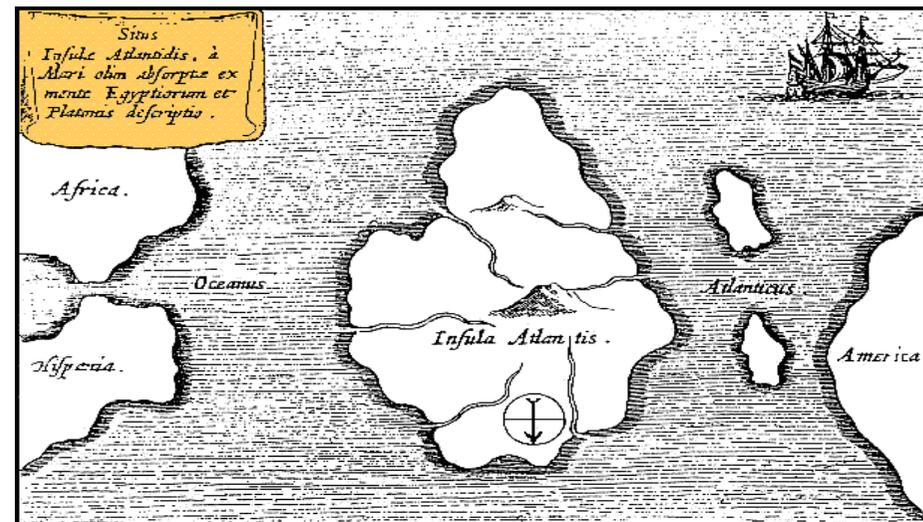


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº # 21 - edição setembro 2013

JOSÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA
- UM CRIADOR NAS SUAS ILHAS



CADERNO Nº # 21 - edição setembro 2013

JOSÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA
- UM CRIADOR NAS SUAS ILHAS

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia
Chrys Chrystello editou este número
Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

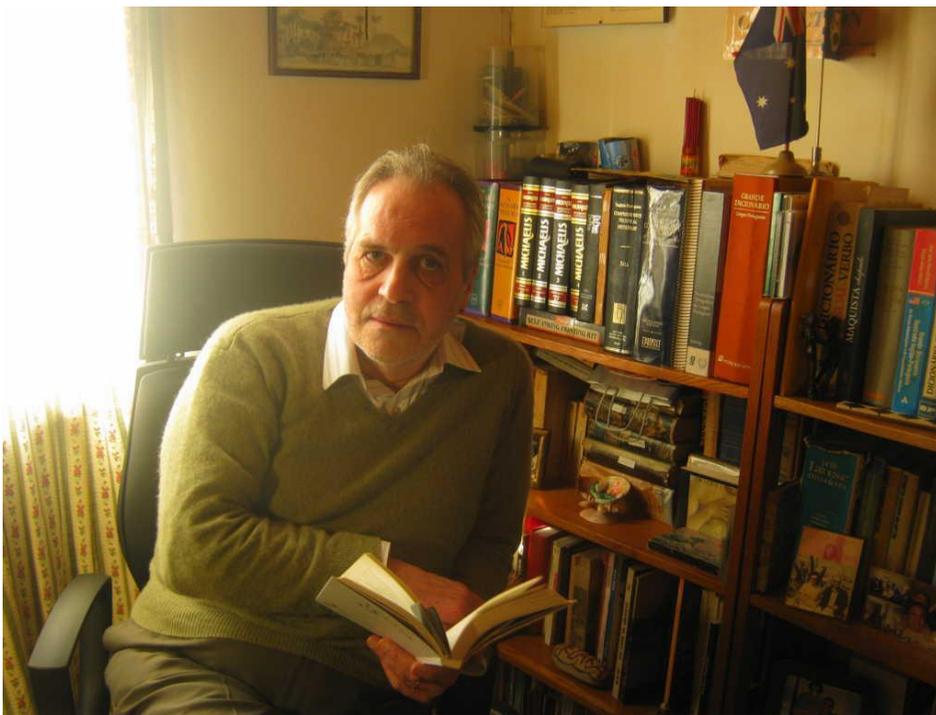


Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22**)

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYPELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**. A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**,

servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiosincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados²», e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

² adotando a designação feliz utilizada por Álvaro Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

- Antologia (Monolíngua) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Aqui se publicaram autores contemporâneos presentes nos colóquios: **Onésimo T. Almeida, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Caetano Valadão Serpa, Eduíno de Jesus, Urbano Bettencourt, Norberto Ávila, Álamo de Oliveira e Eduardo Bettencourt Pinto**, além de nomes incontornáveis como, **Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Victor Rui Dores, José Martins Garcia, Joana Félix e hoje JOSÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA (artista plástico).**

JOSÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA - UM CRIADOR NAS SUAS ILHAS

Nasceu em 1937, na Ilha de Santa Maria, Açores, licenciado em Pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Artista residente no Centro de Arte Moderna em 1985-86 e bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana (1987-88). Durante este período frequentou o Center for Advanced Visual Studies do M.I.T. - Massachusetts Institute of Technology, Cambridge USA.

Além das exposições individuais e coletivas que participou, destacam-se os seguintes prémios:

- **1984** "O Futuro é já hoje?" - Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. 1ª Bienal dos Açores e Atlântico - Menção Honrosa da SREC.

- **1986** III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian. AICA-Philae - 1º Prémio da Associação Internacional de Críticos de Arte. Artista do ano.
- **1987** Prémios SEAT atribuídos às figuras que se destacaram nas diferentes áreas de intervenção social do país.
- **2000** Prémio Domingos Rebelo - Direção Regional da Cultura, Açores.

Está igualmente representado naquilo que se designa como Arte Pública em:

- Paredes descobertas no altar-mor e na entrada da Igreja Matriz de Almada, a convite do Arquiteto Nuno Teotónio Pereira.
- Instalações/Homenagens a Goethe e Fernando Pessoa, Círculo de Leitores, Lisboa.
- Relevos da entrada e envolvente da escadaria da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada e teto do Teatro Faialense, a convite do Arquiteto José Lamas.
- Paineis de Azulejos, Escola Secundária de Lagoa, São Miguel.
- Paineis de Azulejos, Jardim dos Corte-Reais, Angra do Heroísmo.
- Jardim de Pedra para as Vinhas do Pico (candidatas a Património da Humanidade).
- Escultura Pública "Áxis", Pousada do Castelinho de S. Sebastião, 2006



• **FOTO DIÁRIO INSULAR**





JOSÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA: TANQUE DE REFLEXÃO



CONSTELAÇÕES I 193x309 CM



BURRA DE MILHO



bornal





INTERVENÇÕES NA Pousada de Angra



Baía de Angra. Jardim dos Cortes-Reais

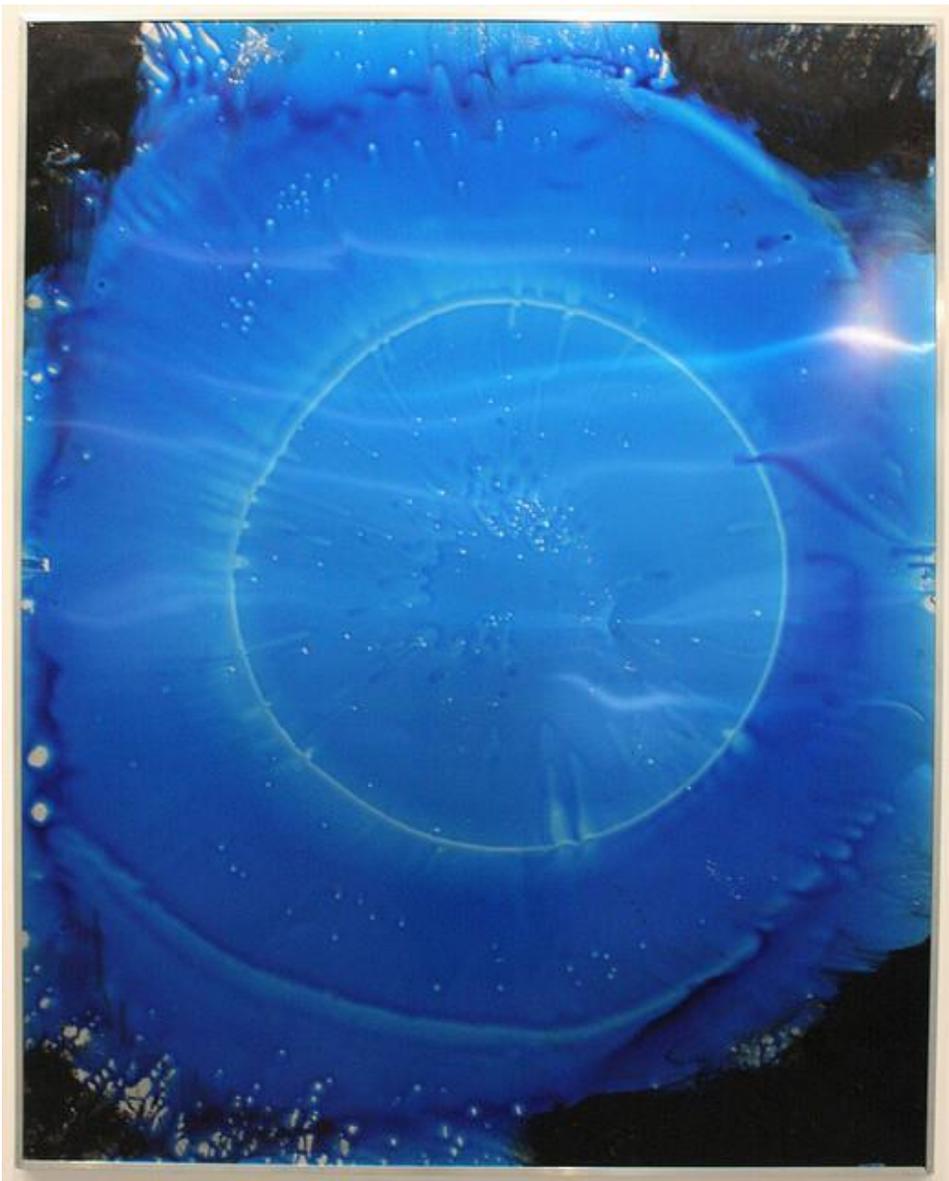




[HTTP://WWW.CIDADEIMAGINARIA.ORG/ARQUIVO/BNARCH2.HTM](http://www.cidadeimaginaria.org/arquivo/bnarch2.htm)



CAOS SENSÍVEL



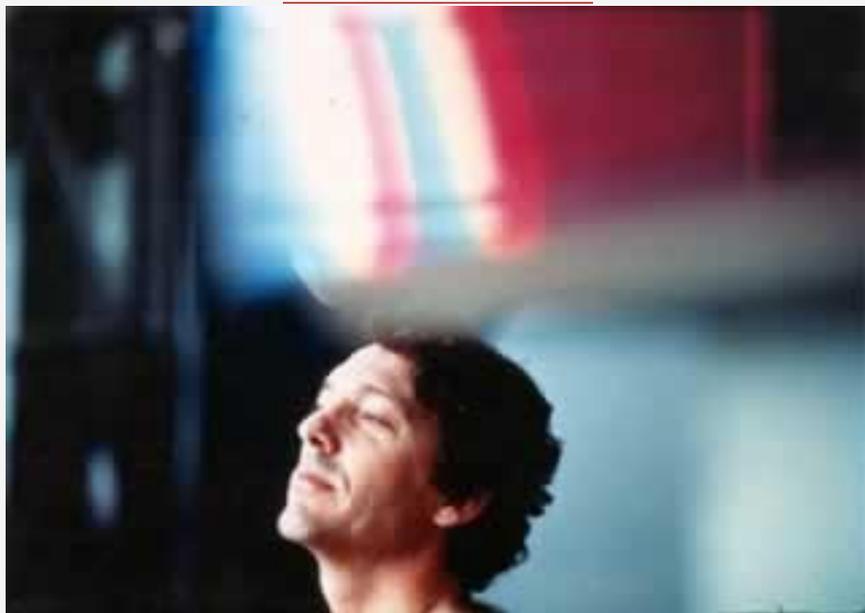
CENTRO GULBENKIAN DE ARTE MODERNA

EXPO PEDRO E INÊS EM ANGRA DO HEROÍSMO, CELEBRAÇÃO DO AMOR NA ARTE – DIA DOS NAMORADOS





IMAGINAÇÃO DA MATÉRIA – CENTRAL ELÉTRICA DO TEJO EDP/EP, SUBSIDIADA PELA FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN - 1979



PAISAGEM DA SÉRIE "MITO E MEMÓRIA" – 1980



DA SÉRIE "PAISAGENS EM AZUL": EMULSÃO SOBRE CHAPA DE ZINCO – COLEÇÃO RAUL SOLNADO – 1980



MAQUETE PROJETO DE UMA FONTE SONORA



TOTEM DA ÁGUA E DOS VENTOS – 1979



TRANS-FIGURAS - EXPOSIÇÃO "HISTÓRIA TRÁGICO - MARÍTIMA"; ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CRÍTICOS DE ARTE; SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES - 1983

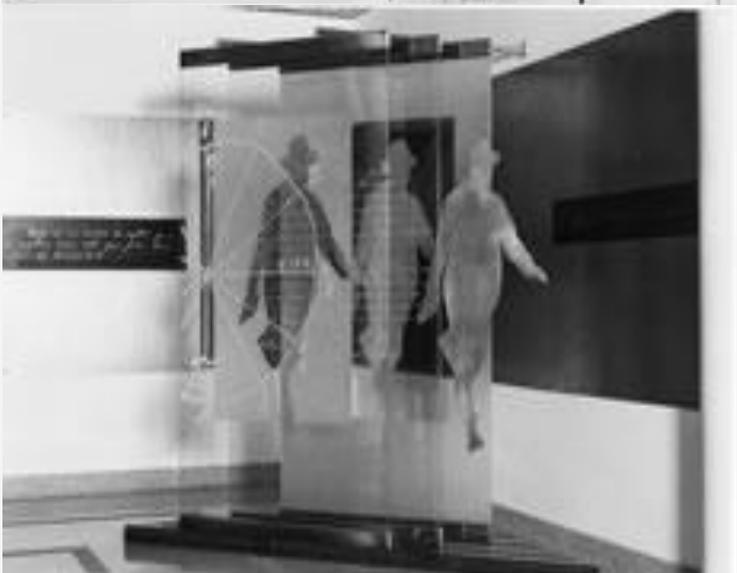




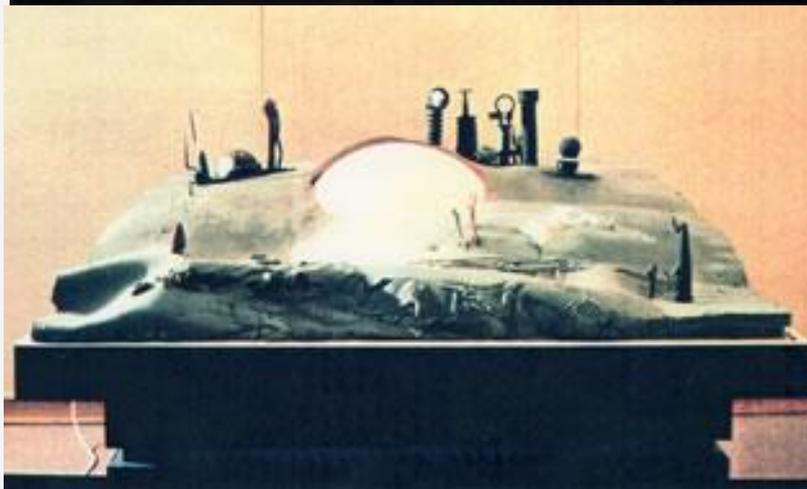
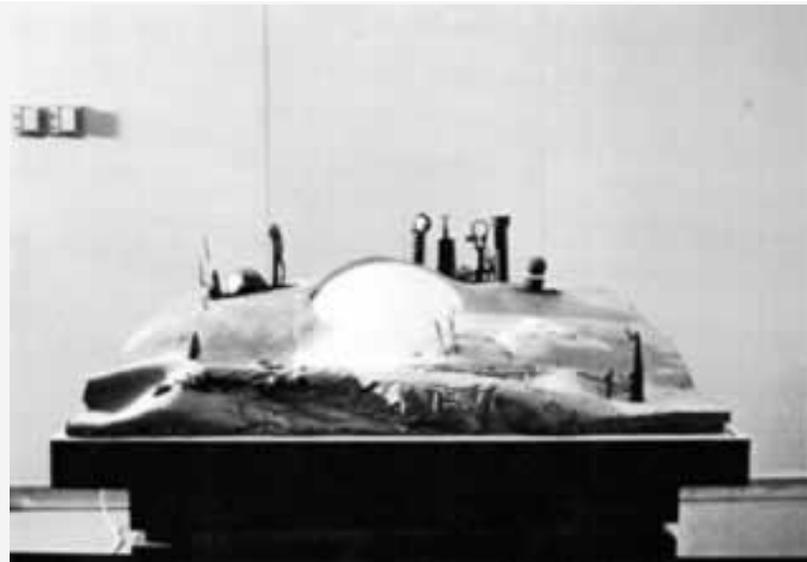
RECADO PARA INÊS (INSTALAÇÃO) – IGREJA DE SANTA CLARA-A-VELHA, COIMBRA, CONVIDADO PELO FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO, COM COLABORAÇÃO DE RUI AÇO E MIGUEL GASPAR - 1984



AS SOMBRAS DO POETA (FERNANDO PESSOA) – INSTALAÇÃO/ ESCULTURA NA SEDE FUNDAÇÃO CIRCULO DE LEITORES - 1991



PRÊMIO DO CONCURSO "1984, O FUTURO É JÁ HOJE?" - CENTRO DE ARTE MODERNA DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – COLEÇÃO DO CENTRO DE ARTE MODERNA - 1984



1º PRÊMIO – EXPOSIÇÃO AICA / PHILAE - 1986
ENCONTRO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CRÍTICOS DE ARTE



EXPOSIÇÃO JORNAL DE NOTÍCIAS - PORTO



PRÊMIO DOMINGOS REBELO 2000 – DIREÇÃO REGIONAL DA CULTURA - AÇORES



EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS - INAUGURAÇÃO DO CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS DE ANGRA DO HEROÍSMO - 2003



TRANSFORMAÇÕES DE ORFEU – 2000

DIMENSÕES: 143 x 119 x 12 CM – ACRÍLICO SOBRE TELA, MADEIRA, FIO DE AÇO E PELE DE CABRITO



SÍSIFO – 2000

DIMENSÕES: 117 x 82 x 18 CM – VERNIZES SOBRE TELA E FERRO



CAIXA DE MÚSICA I – 2003 (COLEÇÃO ASSEMBLEIA LEGISLATIVA REGIONAL)
DIMENSÕES: 125 X 73 X 7 CM – MADEIRA EM RELEVO, PINTADA A ACRÍLICO



O SENHOR DA GUERRA – 2003
DIMENSÕES: 185 X 75 X 75 CM – BOTIJA DE GÁS, POLIÉSTER, LÃ ACRÍLICA, ESTRUTURA DE FERRO,
FORQUILHA E REDE DE AÇO



MESA / MANEQUIM AO ESPELHO – 2003

DIMENSÕES: 155 X 72 X 100 CM – POLIÉSTER, REDE METÁLICA E MADEIRA



CELEBRAÇÃO DA CAL – 2003

DIMENSÕES: 121 X 220 X 9 CM – GESSO ARQUERO SOBRE TELA E FERRO



SEM TÍTULO – 2003

DIMENSÕES: 121 X 200 X 9 CM – TELA, GOMA LACA E FERRO



CELEBRAÇÃO DA TERRA I

DIMENSÕES: 176 x 127 x 7 CM – MADEIRA, GESSO ARQUERO E VERNIZES



CELEBRAÇÃO DA TERRA II

DIMENSÕES: 176 x 127 x 7 CM – MADEIRA, GESSO ARQUERO E VERNIZES



CELEBRAÇÃO DA TERRA III

DIMENSÕES: 179 x 123 x 7 CM – MADEIRA, GESSO ARQUERO E VERNIZES



HOMENAGEM A MARK ROTHKO I

DIMENSÕES: 202 x 152 CM – VERNIZES SOBRE TELA



HOMENAGEM A MARK ROTHKO II
DIMENSÕES: 202 x 152 CM – VERNIZES SOBRE TELA



ELAS (INSTALAÇÃO)
DIMENSÕES: 300 x 223 x 214 CM – MANEQUINS VESTIDOS DE PANO CRU; MADEIRA; MESA;
TOALHA; BILHA; TAÇA E TIGELA, EM CERÂMICA (COBERTOS DE GESSO)



HOMENAGEM A KUROSAWA (INSTALAÇÃO)

DIMENSÕES: 260 x 180 x 178 CM – MADEIRA, FERRO, VERNIZES E FOLHA DE OURO



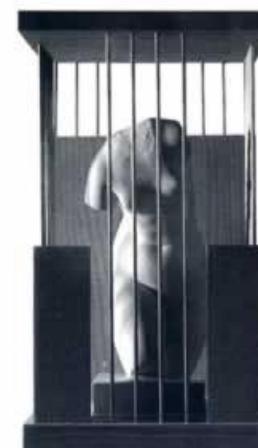
HOMENAGEM A KUROSAWA (INSTALAÇÃO)

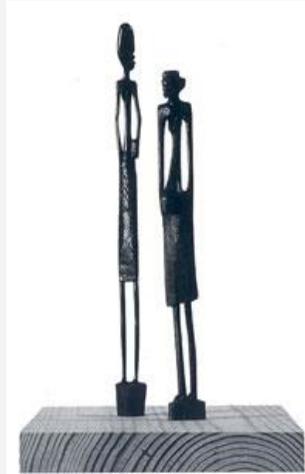
DIMENSÕES: 260 x 180 x 178 CM – MADEIRA, FERRO, VERNIZES E FOLHA DE OURO

PAINEL DE AZULEJOS (EM FASE DE MONTAGEM) – BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DE PONTA DELGADA - 1998



O RISO DO BUDA EM TEMPO DE GUERRA





PAISAGEM EM POLIURETANO - 1986



PAISAGEM – 2000 – COLEÇÃO MUSEU CARLOS MACHADO





CÂMARA MUNICIPAL DA LAGOA – SÃO MIGUEL – AÇORES



O SONHO

CAIXA DE VIDRO, GAIOLA DE AÇO, SUMAÚMA E CABEÇA DE MANEQUIM



O SONO - CAIXA DE VIDRO, COPO DE VIDRO COM SUMAÚMA E CABEÇA DE MANEQUIM PINTADA A

GESSO

SERIGRAFIAS - 1 A 100



CONSTELAÇÃO I (SERIGRAFIAS NUMERADAS E ASSINADAS)



ECCE HOMO – 1999 – COLEÇÃO PARTICULAR



O JOVEM HAMLET – 1999 - COLEÇÃO PARTICULAR



GALIZA 18º COLÓQUIO DA LUSOFONIA OUTUBRO 2012

José Nuno da Câmara Pereira

Artista Plástico



José Nuno da Câmara Pereira – Artista Plástico

CURRICULUM VITÆ

IDENTIFICAÇÃO

Nome: José Nuno Monteiro da Câmara Pereira

Naturalidade: Ilha de Santa Maria — Açores

Data de Nascimento: 1 de Abril de 1937

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Actividades no domínio das Artes Plásticas

De entre as actividades que tem vindo a desenvolver ao longo da carreira podem destacar-se as seguintes:

1972 Concede e realiza a Decoração Artística da Igreja Paroquial de Almada a convite do Arqto. Nuno Teotónio Pereira;

1980 Concede os projectos artísticos do Totem da Água e dos Ventos e da Fonte Sonora com a colaboração do Arqto. Nuno Teotónio Pereira e do grupo de Música Contemporânea;

1980 Coopera na direcção de cena do grupo de Teatro "Marionetas de São Lourenço e o Diabo", nas peças Dom Quixote e Maria Parda, que representaram Portugal no Festival Mundial de Teatro em Nancy — França;

1982 Concede a cenografia da peça Gilgamesh levada a cena pelo grupo de Teatro "Maizum", dirigida por Adolfo Gutkin, com texto traduzido e dramatizado por Pedro Tamen. Representada em Lisboa na Sociedade Nacional de Belas—Artes e no Festival Internacional de Sitges — Catalunha, Espanha;

1991/ Concede e realiza duas esculturas/instalações e uma Fonte para a Sede do Círculo de /1992 Leitores: Conversações com Goethe e As Sombras do Poeta, esta última em Homenagem a Fernando Pessoa;

1993 Estudo e concepção do Monumento a Nossa Senhora, Jardim do Saber e Acesso à Montanha para a Praia da Vitória, em colaboração com o Arqto. André Maranhã;

José Nuno da Câmara Pereira – Artista Plástico

1994 É convidado pelo Metropolitano de Lisboa a participar nos projectos de Arte Pública, competindo-lhe intervir no Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, no âmbito do qual realizou uma Instalação Urbana;

1996 Concebeu o projecto de animação pública Olharápos, Olharapas, Olhapins, em colaboração com o cenógrafo Miguel Tolentino, para a EXPO'98;

1996 Concebeu os cartões para duas Tapeçarias de Portalegre;

Actividades de Dinamização Cultural

Em 1990/91, de regresso do Center for Advanced Visual Studies do M.I.T. (USA), com um grupo de artistas promove a criação do CAI—Centro de Arte e Investigação que visava uma maior interacção entre as Artes, a Ciência e a Tecnologia. Este projecto contava com protocolos assinados com a Fundação Calouste Gulbenkian, o LNEC—Laboratório Nacional de Engenharia Civil, o LNETI—Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia industrial e o INESC—Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores. Chega a presidir à sua Comissão Instaladora, impulsionando a concepção de diversos projectos dos artistas associados.

Em 1994, tendo-se fixado nos Açores, funda a Oficina d'Angra — Associação Cultural, interpretando a vontade de um conjunto de artistas e actores culturais da cidade de Angra do Heroísmo que visava preencher uma lacuna na área da criação e divulgação artística na Região. Desde aí esta associação tem vindo a sensibilizar a população para os valores estéticos, a estimular as aptidões dos artistas locais e a promover intercâmbios com instituições congéneres nacionais e estrangeiras. Neste sentido, e contando com o apoio financeiro da Direcção Regional dos Assuntos Culturais, da Fundação Calouste Gulbenkian, do Programa Poseima e de outras instituições públicas e privadas, esta tem vindo a realizar acções de sensibilização no domínio da História da Arte, cursos de formação inicial e workshops e simpósios de aperfeiçoamento nos domínios da cerâmica, gravura, fotografia, desenho e pintura, cujos participantes têm surgido das diferentes ilhas do Arquipélago e mesmo do continente. Para o efeito, tem contado com a colaboração de artistas de elevado mérito na arte portuguesa e internacional, tais como: Bartolomeu Cid dos Santos, Pedro Calapez, José Pedro Croft, António Campos Rosado, João Queirós, Fernanda Fragateiro, Ângela Ferreira, Rogers Memghins e Pepe Buitrago, entre outros.

Em Junho de 1996 coordena nos Açores, em cooperação com a Universidade de Hertfordshire — Londres, a realização do Simpósio Internacional Multimédia que contou com a presença de 25 artistas representativos de cada um dos seis países de origem. Deste Simpósio resultou uma Exposição Itinerante por Lisboa, Madrid, Londres e Cracóvia.

EXPOSIÇÕES E INSTALAÇÕES EFECTUADAS

Realizou numerosas exposições e instalações individuais e participou em diversas exposições colectivas no país e no estrangeiro, de entre as quais destaca:

Exposições e Instalações no País

1979 **Imaginação da Matéria** – Central Eléctrica do Tejo EDP/EP, subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian

1980 Exposição Comemorativa do Centenário do Museu Carlos Machado - Museu Carlos Machado em Ponta Delgada

1983 **Perspectivas Actuais da Arte Portuguesa** – Associação Internacional de Críticos de Arte; Sociedade Nacional de Belas Artes

1983 **TRANS-FIGURAS** – Exposição “História Trágico – Marítima”; Associação Internacional de Críticos de Arte; Sociedade Nacional de Belas Artes

1984 **Instalação Recado para Inês** – Igreja de Santa Clara-a-Velha – Coimbra, convidado pelo Festival Internacional de Teatro, com colaboração de Rui Aço e Miguel Gaspar.

1984 **Dez anos depois do 25 de Abril** – colectiva na Sociedade Nacional de Belas Artes

1984 **1984, o futuro é já hoje?** – Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian

1984 **1ª Bienal dos Açores e Atlântico** - Ponta Delgada

1985 Exposição/ Instalação – Cooperativa Pontilha – Ribeira Grande

1986 **III Exposição de Artes Plásticas** - Fundação Calouste Gulbenkian

1986 José Nuno da Câmara Pereira, Pedro Chorão, Pires Vieira - Sociedade Nacional de Belas Artes, a convite da Associação Internacional de Críticos de Arte – Fórum Picoas; com a colaboração de Jorge Listopad e TELECTU – Lisboa

1986 **Em baixo, rente ao chão** - Sociedade Nacional de Belas Artes, a convite da Associação Internacional de Críticos de Arte – Fórum Picoas; com a colaboração de Jorge Listopad e TELECTU – Lisboa

1987 **Arte Contemporânea Açoriana** – MARCA-Madeira/87, em representação da Galeria ARCO 8 – Funchal

1987 **2ª Bienal dos Açores e Atlântico** – Angra do Heroísmo

1989 **3ª Bienal dos Açores e Atlântico** – Horta

1989 **Meio Século de Arte nos Açores** – SREC/DRAC – colectiva - Ponta Delgada

1992 **I.M.M.S – International Multimedia Symposium** – Traveling exhibition Lisboa, Madrid, Londres;

1999 **A window on the Azores** – Bermuda National Gallery

2000 **A window on the Azores** – Newbedford Art Museum – U.S.A.

2001 Feira Internacional de Arte **"Marca/ Madeira"**

2003 Exposição inaugural do Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo – Pintura/ Escultura/ Instalação

2003 **"O riso de Buda em tempo de Guerra"** Galeria FRANCO.STEGGINK (itinerante)

Exposições e Instalações no Estrangeiro

1975 Colectiva de Pintura - Gailérie Valérius de Saedeleer — Bruxelas

1980 **Foire International d'Art Contemporain** - representação da Galeria Quadrum; FIAC/Grand Palais — Paris

1988 **Mnesis: Liquid Cristal's** - Center For Advanced Visual Studies do MIT Cambridge. U.S.A.

1988 **Deutscher Kunstlerbund/Karlgruber** Colectiva dos Artistas do Center For Advanced Visual Studies do MIT — Alemanha

1992 **Arte Portuguesa do século XX - Osnabruck** — Alemanha

1996 **I.M.M.S.—International Multi Media Symposium Traveling Exhibition** - Lisbon, Madrid, London, Cracow School of Art and Design from University of Hertfordshire – London

1996 **Artistas Açorianos em Macau** - Galeria ARCO 8 & Instituto Cultural de Macau

PRÉMIOS OBTIDOS

1984 **O Futuro é já hoje?** Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian

1984 **1ª Bienal dos Açores e Atlântico** Menção Honrosa da SREC

1986 **III Exposição de Artes Plásticas** Fundação Calouste Gulbenkian

1986 **AICA—Philae** 1 Prémio da Associação Internacional de Críticos de Arte (AJCA)

1987 **Artista do ano de 1986** Prémios SEAT atribuídos às figuras que se destacaram nas diferentes áreas de intervenção social no país.

BOLSAS

Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana durante o biénio 1987/1988 para a frequência do **Center for Advanced Visual Studies do M.I.T.**— Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, USA — onde investigou a aplicação de cristais líquidos nas artes plásticas.

REPRESENTAÇÃO EM COLECCÕES

— Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian;

— Museu Carlos Machado (Ponta Delgada— Açores);

— Museu de Angra do Heroísmo (Angra do Heroísmo— Açores);

— Ministério da Cultura;

— Presidência do Governo Regional dos Açores;

— Assembleia Regional dos Açores;

— Secretaria Regional da Educação e Assuntos Culturais;

— Secretaria Regional da Saúde e Segurança Social;

— Caixa Económica da Misericórdia;

— Coleção particular do Dr. Mário Soares;

— Coleção particular do actor Raúl Solnado.

— CIAL— Dr. Renato Borges de Sousa

PUBLICAÇÕES SOBRE O AUTOR

BIBLIOGRAFIA

Mana Teresa. "Pereira, José Nuno da Câmara". In Enciclopédia Lexicoteca Lisboa:

Círculo dos Leitores.

AMADO, Inês e SEA1ON, David (Orgs.). (1996). International Multi—Media Symposium. Traveling Exhibition: Lisbon. Madrid. London. Cracow. Azores. Hatfield Hertz: University of Hertfordshire (School of Art and Design).

AZEVEDO, Fernando. (1986). Catálogo da Exposição "Em baixo, rente ao chão". Lisboa: AICA – Associação Internacional de Críticos de Arte.

BARRETO, Jorge Lima. (1986). TELECTU: Design do Programa Video-Diapo-Música. Catálogo dz Exposição "Em baixo, rente ao chão". Lisboa: AICA.

BARROSO, Eduardo Paz. (1987). Viagem ao centro da Terra. Jornal de Notícias.

CABRAL, Isabel Coutinho. (1990). L) deaidar de pintores açorianos: Ana Vieira, Graça Costa Cabral, José Nuno da Câmara Pereira, Luisa Constantino, Raposo de França, Tomaz Vieira. Lagoa: Câmara Municipal da Lagoa.

CHICÓ, Sílvia. (1986). Do charco às estrelas. Jornal das Letras, Artes e Ideias.

CHICÓ, Sílvia. (1986). José Nuno da Câmara Pereira: um ano de produtividade. Jonwi das Letras, Artes e Ideias.

DUARTE, Luís Fagundes (1988). Catálogo Fábrica de Tabaco Estrela.

DUARTE, Luís Fagundes (2000). Catálogo "The Tulare Museum" Painting Exhibition.

FERNANDES, Maria João. (1979). Imaginação da Matéria. Revista Sema.

FÉLIX, Emanuel. (1996). Vento Norte.

FRANÇA, José Augusto. (1993). Pintura Escultura: anos 60 & 70. Colóquio Artes, ti 99, pg. 22-33.

FREITAS, Lima de. (1974). Catálogo da Exposição Otrolini. Lisboa: Galena Ottolini.

GONÇALVES, Eurico. (1985). Três percursos no mesmo espaço.

GONÇALVES, Rui Mário. (1992). Catálogo da Exposição de Osnabruck.

LISTOPAD, Jorge. (1986). TELECTU: Design do Programa Video-Diapo-Música. Catálogo da Exposição "Em baixo, rente ao chão". Lisboa: AICA.

MELO, António Manuel da Silva. (1996). Humano, Desumano, Inumano. Diário Correio dos Açores (Suplemento Açoriano de Cultura), 11/4/96.

MONTEIRO, Armando Manuel. (1996). Humano, Desumano, Inumano. Diário Correio dos Açores (Suplemento Açoriano de Cultura), 11/4/96.

OLIVEIRA, Álamo de (1997). In Diário Insular.

OLIVEIRA, Manuel Alves de (comp.). (1990). "Pereira, José Nuno da Câmara". In O Grande Livro dos Portugueses (pg. 405). Lisboa: Círculo de Leitores.

PERNES, Fernando. (1983). Uma História Trágico-Marítima. Colóquio Artes, n 58, pg. 26-33.

PIENE, Otto. (1988). Deutsliher KinstlerbundKartgruber. Catálogo da Exposição. Kartgruber

PINHARANDA, João. (1996). Jornal "O Público".

PINHARANDA, João. Paisagem: Glorioso Eden... Semanário

Pintura nova velhas máquinas e um convite à meditação também com música... Diário de Notícias, 1979.

PORFÍRIO, José Luis. Os limites e o ilimitado.

PORFÍRIO, José Luís. (1974). Coincidências...? Oposições! Diário de Lisboa, 2 1-3-74.

PORFÍRIO, José Luís. (1976). Um pintor na sua ilha. Semanário Expresso.

PORFÍRIO, José Luís. (1980). Pintar? A imaginação dos fluidos no trabalho de José Nuno da Câmara Pereira. Colóquio Artes, n 45, pgs. 5-11.

PORFÍRIO, José Luis. (1985). A grande obra. Valente Alves, José Nuno Câmara Pereira e José Ernesto Sousa — pintura, matéria e imagem: três exposições, um percurso comum. Semanário Expresso.

PORFÍRIO, José Luís. (Out.-1979). L des fluides dans les objects de José Nuno Câmara Pereira. Revue d Contemporain.

RAYMOND, Marie. (Nov.-1979). Au Grand Palais a Paris: La FIAC 79. Revue d'Art Contemporain.

RODRIGUES, Urbano Tavares. (1974). Diário de Lisboa

SOUSA, Nestor de. (1984). Pintura Moderna de Açorianos. Ponta Delgada: Museu Carlos Machado.

SOUSA, Rocha de. (1996). Jornal das Letras, Artes e Ideias.

TAVARES, Cristina Azevedo. (19..). Jornal das Letras, Artes e Ideias

TAVARES, Cristina Azevedo. (1986). Nascemos da Terra e da Água. Catálogo da Exposição José Nuno da Câmara Pereira, Pedro Chorão, Pires Vieira. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes.

TAVARES, Salette. (1979). Imaginação da Matéria. José Nuno. e João Moniz - Catálogo da Representação portuguesa da FJAC 79. Lisboa: Galeria Quadrum.

VIEIRA, Pedro. (1984). "1984, o Futuro é já hoje?". Semanário O Jornal.

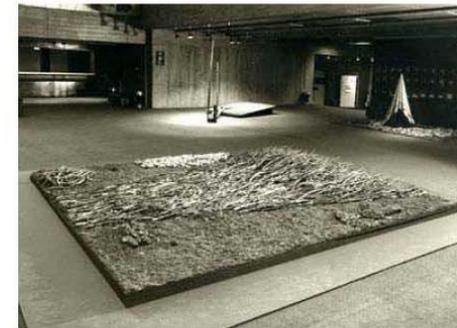
VIEIRA, Pedro. (1986). José Nuno da Câmara Pereira: "sou um devorador de espaço". Semanário O Jornal

Videografia

CABRAL, Graça Costa e SILVA, João Matos. (1979). Imaginação da Matéria. Série "Imaginação da Matéria". Lisboa: RTP 2.

DRAC (1995). Artistas Aço reanos. Angra do Heroísmo; Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

Intervenção artística no Altar da Igreja Paroquial de Almada. Relevos descofrados – 1972



"O chão da Terra" – Premio Instalação / Objecto da III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian - 1986



Paisagem em poliuretano - 1986

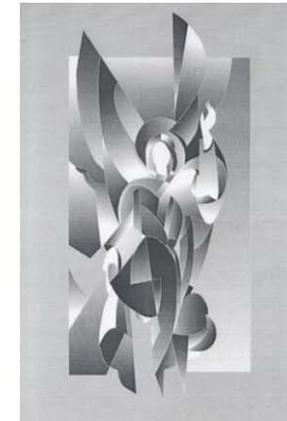


As metamorfoses de Santa Joana a Princesa (cristais líquidos) – Arte Portuguesa do século XX – Osnabruck, Alemanha - 1992



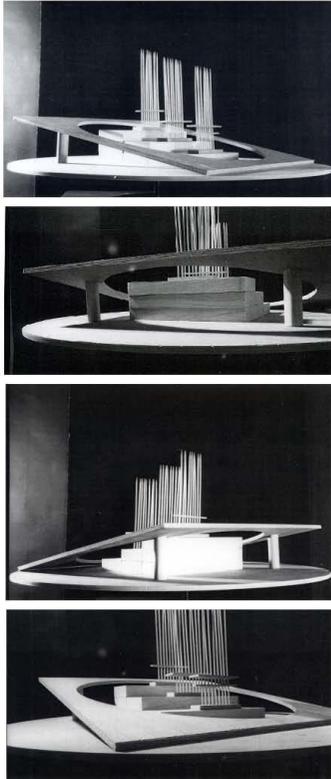
Constelação II (serigrafias numeradas e assinadas - Múltiplos de 100) - 2001

Projectos



Anjo (metálico)

Celebração das Chuvas (monumento)



José Nuno da Câmara Pereira – Artista Plástico





COLÓQUIO artes



Uma História Trágico-Marítima

por FERNANDO PERNES

«...Mas também, como em 1940 por milagre aconteceu, ao mesmo tempo da exposição oficial, outra abriu as suas portas ao público que importa não ignorar. Em 1940 foi a de António Pedro e António Decosta, comentário vivo dum outra história então tragicamente vivida, por fora do nacional-salobismo de Bêlem, agora é na sala do S.N.B.A. a «História Trágico-Marítima», por artistas contada, em seus mitos e fantasmas, reverso humeroso das outras — aviso necessário e sempre — como se vê — insulciente».

JOSE-AUGUSTO FRANÇA
«Folhetim Artístico» in «Diário de Lisboa»
19-7.83.

«...E aqui estamos há séculos de pés e mãos atadas, embarcando, partindo para fora de nós mesmos no barco da loucura, um povo sem força nem vontade, apenas embarcando».

TEOLINDA GERSÃO
«Paisagem com mulher e mar ao fundo».

Após o 25 de Abril, o quê? No referente à política artístico-cultural portuguesa a pergunta avoluma-se de sentido pelo vazio crescente de actos e projectos, prolongando-se por sucessivos governos a conjugarem no mesmo milismo abúlico o não entendimento do que possa ser a função social da arte!

Assim é que, antes e depois de 1974, os dois mais importantes acontecimentos para a arte portuguesa terão sido, indiscutivelmente, na segunda metade do séc. XX, a institucionalização da Fundação Calouste Gulbenkian e a abertura do Centro de Arte Moderna da mesma entidade. Em ambos os casos, o Estado (ditatorial ou de pretensão democrática) ficou de fora, sobejando-lhe em apreço académico pela «pompa e circunstância» quando lhe tem escasseado de audácia imaginativa ou capacidade inovadora.

O resto que dum saldo assim se venha a apurar, conta-se pelos dedos duma só mão. É uma história breve e triste de desejos abortados, de aventuras de pintores que vão ficando pelo caminho ou seguem de novo para caminhos emigratórios, de instituições com forçada estrutura amadorística a procurarem romper (leia-se desafiar) a opacidade acadiana das estruturas oficiais de cultura onde diversas clientelas partidárias eternizam hierarquias de incompetência, exprimindo-se por sucessivos discursos de desolante verborreia.

Entre aquelas últimas instituições, será a altura de relembrar o Centro de Arte Contemporânea do Porto. Nascido do entusiasmo de muito poucos, durou apenas cerca de três anos. Logo atacado por forças do regionalismo obscurantista e de persistente «nacional-salobismo» foi primeiro tolerado financeiramente por núcleos governamentais que a seguir, porém, promoveram a sua asfixia. Do seu legado ficou:

a) — amplo acervo de obras (hoje dispersas ou encaixotadas) e o programa para um Museu de Arte Moderna, continuamente adiado senão já esquecido.

b) — uma vontade de efectiva descentralização cultural e gosto por um espírito de provocação polémica, apostas entretanto confluídas para novas perspectivas intervenientes da A.I.C.A. portuguesa e da S.N.B.A. por cuja acção conjunta aconteceu agora a «História Trágico-Marítima», de que se veio dando notícia,

e de que mais detalhadamente se vai continuar a falar.

Memória dum outrora mítico que o monumentalismo oficial tem celebrado, os diferentes episódios da Trágico-Marítima ecoam secularmente a crónica de sangue e farrapos, de ilusões desfeitas e sacrifícios esquecidos com que à margem dos proclamados autores da História, os sofrendores da História têm moldado a autêntica paisagem espiritual da terra que somos.

Nessa paisagem, o mar é pano de fundo para uma galeria de figuras de espanto e grito, de escárnio e miséria, reverso dos heróis navegadores no retrato pungente de naufragos da esperança, com mil e um rostos de marinheiros ou pescadores anónimos, de mutilados de guerras coloniais e de emigrantes também. E onde o quixotismo sebastianista, não menos, se desdobra para um imaginário de cavaleiros de triste figura, perante os quais o gesto obscuro do «Zé Povinho» se acerta à lembrança de Sancho Pança como sobrevivente popular de Alcácer-Quibir, chegado aos nossos dias numa herança de riso desentão e resignação impotente.

Nesta angústia já a voz magoada de Álvaro de Campos replicara irónica «mensagem» a certo epopeico de equívoca raiz camoneana, como pelos anos quarenta (em modalidades diferentes mas convergentes) os painéis célebres de Almada Negreiros ou o humor-terror do nosso nascente surrealismo responderam, noutra mundo de violência e nostalgia, à retórica grandiloquente da «exposição do mundo português».

Pelo menos desde o romantismo garretiano, poderemos até dizer que toda a mais autêntica história cultural do País arrasta a memória da história trágico-marítima, no agudizar da consciência da nossa tragédia de nação moderna, povoada por monstros e fantasmas dum passado de lendária grandeza e eterna agonia.

Quase dez anos após o fim do «império», era bem o enfrentar e o revisitar dum tal passado que em pleno revivalismo pós-modernista e neo-romântico se colocava em desafio aos artistas portugueses destes anos 80, convidados a participar na exposição em causa. Na circunstância foram quarenta os nomes mobilizados dos quais apenas vinte e quatro vieram responder à chamada. Entre as presenças registadas, anotaremos primordialmente os casos paradigmáticos de José Nuno da Câmara Pereira e Fernando de Azevedo, ambos casando sentido de modernidade numa poética de ancestralidade pela qual ironia e nostalgia se fundem em amálgamas da nitidez perceptiva no insólito significativo.

O absurdo magritteano e algo do crepuscular wagneriano envolvem as enormes «Transfiguras» de Câmara Pereira, e definiram-as espaço central e momento axial de toda a exposição circundante. Imagem de «fim do mundo», praia podre de água estagnada onde o tempo parece remontar ao caos original, nesse espaço entre cruzaram-se o concreto tridimensional e percorível no indizível longínquo e imemorial. Há aí também sinais fatídicos de ameaça e evocações de infância. O conjunto constitui-se num descomunal brinquedo de espuma de borracha. Integra pássaros marítimos, rochedos-nuvens a pairarem numa paisagem de não se sabe de onde nem quando, mas se faz sentir próxima e palpável. Outras formas agigantam, a partir do solo, elementos fálicos ou reconstituem grutas-ventres de estranha simbologia genésica. O artifício de relâmpagos e trovões de directo efeito teatral,

FERNANDO DE AZEVEDO
«AQUI DIZEM QUE D. LEONOR NAO SE DEIXAVA DESPIR.»



27

cósmica, maior impacte havia de ter a criação espectacular de Rui Sanches ou de Pedro Cabrita Reis, aquele com a série de evocações de composições famosas, tratadas com elementos de madeira reunidos (*Madame Récamier*, *Morte de Sócrates*, *Morte de Marat*, até finais de 80) e com notáveis estudos de desenho, em reelaborações metafísicas; este em construções mais livres de imaginação formal e de ambição arquitectónica — que assim se impuseram em Serralves em 1998, merecendo o prémio AICA do ano seguinte.

Intervenções espaciais de Fernanda Fragateiro e de Ângela Ferreira, numa cenografia monumental, de Alexandre Estrela, ou de Paulo Mendes, dramatizando instalações vivenciais (como em 1997, *Ex-Romance*), são situações mais recentes que neste último caso importa relacionar com criações muito anteriores de João Dixo, já em 1960, e então sozinho — e com as de Clara Meneres, que passou de uma estatuária violenta em crítica de costumes eróticos e de corajosa interven-

ção política, em anos 70, até à sua participação na «Alternativa Zero», com um tronco relvoso de mulher nua deitada, em floração permanente (*Mulher-Terra-Vida*, refeita na Bienal de S. Paulo) que foi peça de escândalo feminista. Tangente à «land art», este caminho foi também seguido pela artista que, já em anos 90, inventou participações luminosas, com néons, numa «lumino-art» de que terá sido a primeira praticante em Portugal. E também as criações de José Nuno da Câmara Pereira, pintor de formação, com estudos completados no MIT nos EUA, que se dedicou à exploração da «Imaginação da matéria» já em 1979, com um vasto conjunto de peças encenado na Central Tejo, Lisboa, espectáculo insólito que levou a dinâmica dos elementos postos em cena a últimas e ameaçadoras consequências. O que também fez na sua proposta polémica da *História Trágico-Marítima* (SNBA, 1983) em «transfigurações» computadorizadas, ou no *Ano Orwell* (Picoas, 1984), e em trabalhos consecutivos, com técnicas de ponta para obtenção de «imagens furtivas» (1988-1991). Nessas propostas Câmara Pereira assumiu uma situação inédita em Portugal, com experiências estéticas de fôlego internacional.

Deste domínio exorbitado da prática de *atelier* (e no qual têm sido esquecidas as *performances* de Alvess, em Paris, já em anos 60-70, correndo absurdamente através nas salas da Bienal de Paris de 1971, e praticando uma «mailling art», sozinho também), haverá que voltar metodicamente atrás para registar a posição mais discreta de Helena Almeida na sua fina imaginação criadora que põe linhas vivas saindo para o espaço dos próprios desenhos (1972) ou numa presença fotográfica (ou «body-fotográfica») já em 1981-1986, e também no trabalho de matérias pobres, em objectos conjuntos da série *Dias quase tranquilos* de cerca de 90. Ou as propostas



> Clara Meneres — *Mulher-Terra-Vida*, c.1990

PINTAR ?

a imaginação dos fluidos no trabalho de JOSÉ NUNO CÂMARA PEREIRA

por JOSÉ LUIS PORFIRIO

«— Transformações do Fogo: primeiramente o mar. Mas metade do mar é terra e outra metade «sopro de fogo» (éter). Em retorno a terra transforma-se em mar e isto tem a sua medida no sentido que existia antes da terra se tornar.»¹

HERACLITO DE ÉFESO

Que dizer de um pintor senão que pinta! Homem que lida com suportes e pastas, pigmentos, fluidos vários que domina ou experimenta, construtor de objectos (quadros?) e de grandes (ou pequenas?) decorações que podem ser outras tantas visões do mundo, i.e. as suas maneiras de nos ajudar a vi/ver!

«Pintara? Esta é uma pergunta legítima na abertura de um texto que pretende reflectir sobre a pintura, os tipos de pintura de um pintor. Porém, mais legítima se torna a interrogação no presente caso pois que apresenta nos seus últimos trabalhos um corte com os suportes e as técnicas habituais da pintura e que, no entanto, pintura continua a ser! Será mesmo? Veremos!

O PINTOR-Itinerário

Pintor. Aqui, neste momento, a palavra aparece no seu sentido mais tradicional, dado que Câmara Pereira é pintor com o curso da ESBAL, foi, e é, professor de pintura, na Escola de Artes Decorativas António Arroio, primeiro, e no ARCO (Centro de Arte e Comunicação), depois.

Aliás, cabe-me dar o exemplo de uma sintonia que ao longo dos anos se foi realizando/afinando, foi na pintura (nos exercícios dos seus alunos) que primeiramente vi o seu trabalho, tratava-se, como escrevi algures, de um exercício de liberdade em procura que cada um iniciava sobre a tela, através de um conhecimento imediato dos materiais e da cor e que, numa aparente ausência de programa, encerrava uma atitude expectante perante as pesquisas individuais sempre possíveis, expectante o professor perante a pintura que poderia estar suscitando nos seus alunos, expectante também o pintor de cavalete que José Nuno era, perante o comportamento de pigmentos e matérias em pinturas, por vezes de muito pequeno formato, com a cor, o gesto, e também a razão gerando formas a partir do caos inicial em que a vista (a leitura?) se perde. Este, muito resumidamente, o espaço ou a poética da primeira exposição que dele vi, e que foi também a sua primeira exposição individual em 1974.

Pintura-pintura lhe chamei então, pintura de cavalete como tal voluntariamente assumida, pintura do fascínio retineano que não recusava a interrogação, desde que se assumisse desde dentro, e não se negasse como fascínio, como capacidade de admirar e ser admirada, sedução da sedução.

«Paisagens de Mito e Memórias» chamou o pintor a uma seguinte mostra que apenas vi no atelier, uma vez que a mesma era destinada à sua terra/ilha natal: os Açores, mais precisamente o Museu Carlos Machado em Ponta Delgada.

Nela jogava o pintor na tal atitude expectante que já mencionei, apenas mais deliberada, no maravilhar-se perante certo tipo de efeitos, dir-se-ia de acaso, sedimentações dos pigmentos já feitos jogos da matéria-pintura em liberdade. Efeito pelo efeito? «Trouxeram de atelier? Receita? Esses eram, na altura, os perigos muito evidentes dessas paisagens, para além do inserir do gesto ou do símbolo (o triângulo tantas vezes) na densa trama de escorridos e depósitos, da vontade expressa pelo autor de figurar/evocar «lugares antiquíssimos onde a água e a pedra permanecem» numa pintura que só mostrou publicamente nos Açores, lugares de memória e mito também. Para além do decorativo, do efeito que se pode tornar repetitivo, José Nuno via!

O quê?

E forçoso dizer que esta rápida leitura está, como não pode deixar de ser, marcada pelo conhecimento ulterior do trabalho do artista, embora não pretenda torná-la

5

num daqueles exercícios rituais de futurologia «à posteriori» que sempre tentam o crítico em momentos como este ao descobrir afinal que tudo concorria para: a crise, a trans/formação, o salto no desconhecido! O mar, a ilha, o fogo, a água, a rocha, eram constantes na poética do pintor de cavalete, como constante era a memória e o mito de uma terra ilha reinventada em Lisboa na meditação sobre a pintura ao fazer-se, essa constante poética, essa vontade de evocação não se vai perder, há no trabalho de José Nuno um momento de crise que não é o da ruptura.

CRISE — os quadros registos

Foi o Rui Mário Gonçalves quem disse repetidas vezes, em relação a pintores portugueses geralmente um pouco mais velhos, que costuma haver um momento, aí por volta dos quarenta anos, em que: ou desistem de pintar ou a sua obra se afirma e continua. Vi há dois anos, José Nuno correndo toda Lisboa à procura de um espaço novo, largo, onde trabalhar, o atelier habitual não lhe servia, no ARCO o espaço não era abundante para a solidão que gostaria de povoar, espaço, espaço, pedia. Encontrou-o finalmente numa dependência, vasta e húmida, do convento de S. Vicente de Fora, foi lá que vi, pela primeira vez, os seus quadros registos, primeiro sinal, no seu trabalho, da mudança/crise que o atravessava, foi lá também que melhor os entendi pois os vi a fazerem-se a si próprios.

Vale a pena imaginar uma longa galeria abobadada, com humidade ocorrendo pelas paredes, bolores, grossos pingos caindo do tecto, bancadas com material e quadros, quadros ainda encostados na parede, outros na horizontal, ou ligeiramente oblíquos, no chão a pintura pintando-se.

O processo de trabalho era, mais ou menos, o seguinte: primeiro a demarcação, com lápis de cera, das zonas de ataque, onde dispunha os pigmentos, depois largava os fluidos, as águas correntes e era então que os quadros a si mesmos se pintavam em lutas várias, em lentas infiltrações de águas diferentes, da abóbada os pingos que caíam pintavam também, por vezes, na sua pintura.

Quadros-registos chamo a estas pinturas porque não são mais que o registo de fluidos e pigmentos em liberdade sobre uma superfície plana, prolongando mais longe a atitude, sempre expectante, do José Nuno sobre

o fazer-se da pintura; fazê-la e sonhá-la ao mesmo tempo, enquanto líquidos e terras se misturam, se opõem, mexem, estratificam, parando enfim, dando lugar ao quadro-registo de que lhes venho falando.

Porém uma coisa é ver o resultado, o quadro, o registo final da luta e do enlace dos opostos, outra assistir ao seu nascimento, ver as águas, as pastas e as terras, e não o resultado da sua vida sobre o suporte. Aliás, porque pintar sobre um suporte rígido? ainda um quadro? Porque não transformar a superfície do suporte na superfície e na profundidade das águas, deixar-se levar na corrente da imaginação, conceber outros objectos, mares, lagos, ilhas, picos que nos dessem a ver uma...

IMAGINAÇÃO DA MATÉRIA

Esse o nome de uma exposição, realizada em Julho 1979, nome que também engloba os quadros-registos que acabei de referir, nome que define uma poética e uma atitude, que marca uma viragem decisiva na produção do pintor, que algo marca também, disso estou seguro, em relação à prática da pintura em Portugal. Não vale a pena neste texto contar uma história, mas antes dizer, acerca da exposição: dos objectos diversos que nela figuravam, do espaço escolhido para a mesma e do funcionamento duns e doutro, do espectáculo ritual dos efeitos e da sua manutenção:

a. Os Objectos.

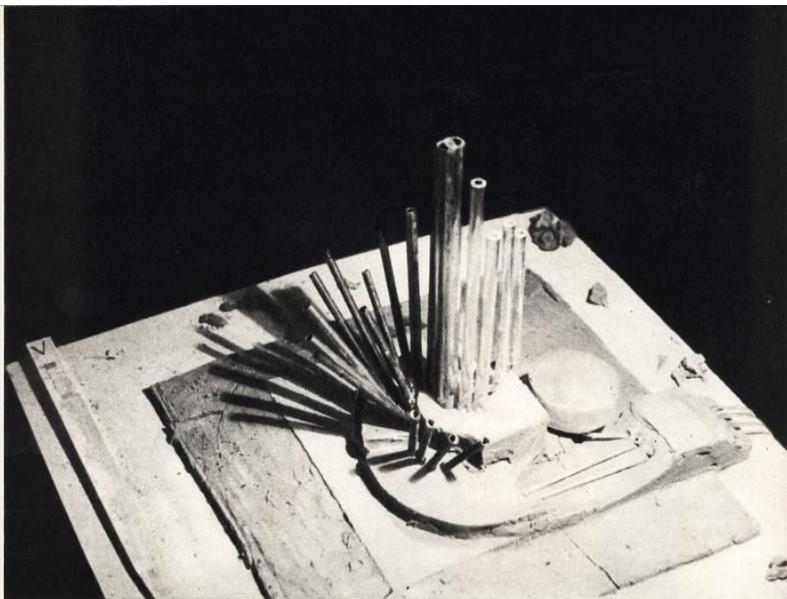
Tinas e pirâmides, colunas, fogos, ilhas, tanques, areia, sal, pedra e lava, espaços, tapetes, quadros registos, deste caos passemos à ordem possível numa evocação:

Superfícies de areia e sal, ao nível do solo, com as suas tão diferentes texturas, acompanhando os lagos quadrados com águas de diversas cores. Sobre as águas, as pirâmides!

Águas negras com rochas negras dentro, a escala dos objectos já não conta para quem está olhando/sonhando embebido nas águas mães portadoras de sementes, os ovos, mexendo, nadando com elas no imaginário. Serão lavas estes magmas mal arrefecidos? E o vapor sobre as águas, nevoeiros?

As pirâmides flutuam sobre as águas, eixos, vetores do olhar, do estar neste espaço, noutra lago, noutra mar? Uma pirâmide, magnetizada, aponta o Norte, o seu

7



«mulher profunda, mais profunda que o abismo onde estão ancoradas as fontes do passado?»¹.

Insensivelmente se passa da manutenção dos efeitos ao ritual que também nos leva a procurar o centro e a concentração. Porém, não se tratava, a meu ver, de mais um rito sem sentido dos muitos que nas plásticas e anti-plásticas do modernismo ocidental se foram inventado, i.e., se me permitem uma pobre definição negativa, os objectos de José Nuno estão no pólo oposto da anti-pintura dos anos sessenta, tal como os rituais que aconteceram, estão no pólo oposto ao happening e à sua anti-poética. Estou tentando aqui não fazer comparações em termos de valor mas sim de situação moral e poética, José Nuno não é um artista da ruptura, do corte com a tradição, da provocação, pese embora a crise atravessada, pese embora a total — que não radical — modificação no seu trabalho, pese embora o abandono do quadro de cavalete, que, afinal, não é a mesma coisa que o abandono da

PINTURA

Esta a razão do título dado a este texto, razão do verbo, Pintar, razão do sintagma — 7 — que se lhe segue, porque nada está ainda jogado ou decidido, nem no trabalho de José Nuno, nem na continuidade ou desaparecimento da pintura ocidental.

A pintura, que já lá não está — pelo menos na sua forma tradicional — reinventa o Sagrado, o rito somos nós a inventá-lo em nós próprios, desde que nos dei-

xemos conduzir pelo fluxo da matéria viva, produzido pelas máquinas de sonhar que José Nuno, mais amigos e cúmplices, foi inventando, está inventando.

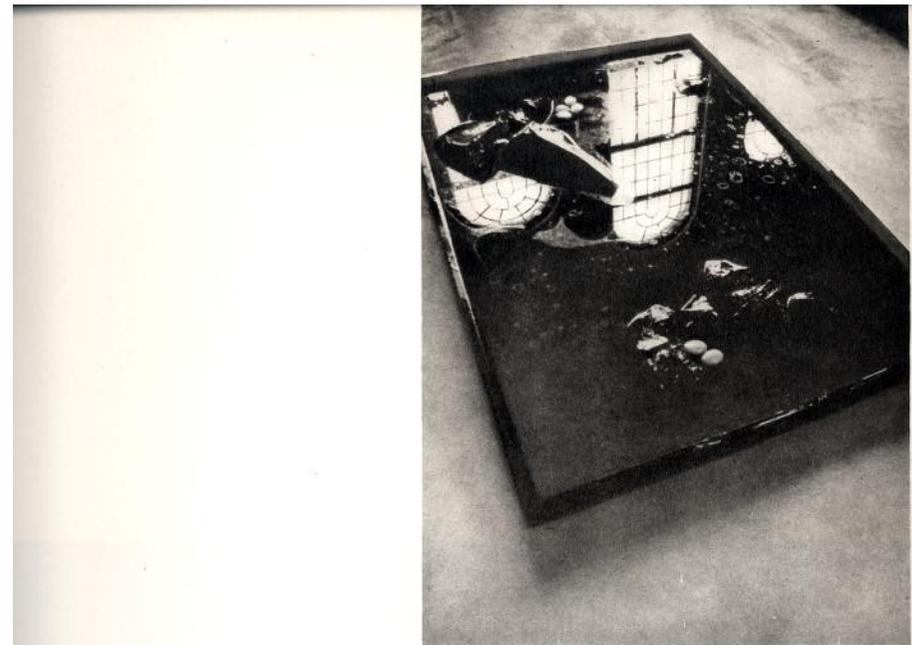
Grande é a tentação pessoal de me deixar embalar pelas sugestões, pelas *rêveries* implícitas neste trabalho, e nem sequer tentar situá-lo numa produção/meditação de pintura em Portugal, naquilo que eu penso possa ser o sinal de uma viragem possível na pintura ocidental. As experiências actuais deste pintor sugerem-me duas ordens diferentes de reflexões: a primeira sobre a crise da pintura (do quadro de cavalete) e a segunda sobre a actual situação pós-modernista e das poéticas que a podem animar.

a. Quadro de Cavalete.

Não basta dizer, é preciso provar, que a crise do quadro de cavalete não é a crise da pintura que a maldição anti-retineana de um Duchamp parecia, ainda há bem pouco tempo, relegar para o rol das poéticas acabadas.

Enquanto Duchamp nos instalava na desconfiança outros nos mostravam, nos davam claros sinais de como a pintura teria que mudar, e sinais tão diferentes como os que vão de Klee a Mondrian, só porém com o pós-guerra, anos cinquenta avançados e por esses anos sessenta fora, com a passagem do quadro ao objecto (anti-pintura?), com a consciência correspondente do quadro como objecto, é que a desconfiança e a influência Duchampiana e neo-dadaísta foi crescendo e se tornou decisiva.

Pessoalmente sempre me interroguei sobre os modos, as novas vivências possíveis para aquele registo figura-



tivo e sensível, quando não sensual e intelectual também, a que nos habituámos a chamar pintura e cujos suportes materiais e sociais estão mudando decisivamente nestas últimas gerações. Daí que o modernismo sempre me tenha aparecido como uma situação de reflexão e de ruptura ou desafio e mesmo, em tantos casos, como a reflexão sobre a ruptura, a busca da transgressão, o ritual da provocação, tudo, como se sabe, actividades em pleno curso, com fortuna e efeitos variados. Porém, se alguma coisa os anos setenta foram marcando, foi uma lenta modificação de tais práticas e o aparecimento do que poderemos à falta de melhor definir como

b. Situação Pós-Modernista

Ou melhor, situações, pois se trata de pessoas, grupos, objectos, tendências cuja leitura global é difícil, se não impossível, de fazer a não ser na vaga de neo-academismos, de cariz diverso, que por vezes parecem querer submergir os principais centros de produção e de comércio artísticos. No entanto, os neo-academismos puderam ser a face oculta de um icebergue que nada tem a ver com modas, ou com o comércio sazonal de obras ditas de arte, e, à sua maneira, estão sublinhando uma importante viragem na história do gosto e na história da arte também. É aqui que uma pesquisa como a de José Nuno tem o seu cabimento, numa crise das técnicas e dos suportes, numa continuidade e aprofundamento de uma poética, que torna exemplar o seu trabalho actual.

Que vai, que está, acontecer à pintura de José Nuno? Que vai acontecer à pintura? Numa sociedade como a

nossa, certas soluções tecnológicas correm o perigo da rápida «gadgetização», com o poder que o consumo ainda tem de tirar o sentido a todo objecto, dando-lhes a todos um mesmo denominador comum, esse um risco inevitável que não vale a pena esconder.

Neste momento José Nuno, juntamente com um arquitecto, Nuno Teotónio Pereira, e um músico, Lopes e Silva, está concebendo uma peça de que existe apenas a maquete: «Totem da Água e dos Ventos» se deverá chamar. Trabalho de uma escala muito maior que os anteriores e em que a participação sonora dele fará íntima parte, órgão de ruídos e de sopros que será. Trabalho que necessita e tem, como é óbvio, um mecenas, neste caso a Fundação Gulbenkian, e que terá certamente um impacto social diferente e mais amplo que a exposição-experiência da Central Tejo. Pintura ainda? Ver com o corpo todo?, ouvir com os olhos?, ver com os ouvidos? Interessará sobretudo ver a relação do totem com os públicos alargados que eventualmente poderá ter. Por agora, e quanto a este texto, interessa sublinhar o trabalho do pintor e a continuidade da pintura num suporte de múltiplas direcções e virtualidades.

¹ Heraclito de Éfeso — cit. retirada do catálogo «Imaginação da Matéria» — versão de Salette Tavares.

² Yuan Guili — *Multiples Femme* — cit. por G. Bachelard — *Poétique de la Réverie* — cap. II *Réveries sur la Réverie* — Animus-Anima.



ZÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA ESTEVE NO 16º COLÓQUIO DA LUSOFONIA EM VILA DO PORTO, SANTA MARIA, OUTUBRO 2011











VOLTAMOS A CONVIDAR O ZÉ NUNO PARA IR CONNOSCO A OURENSE NA GALIZA E EXPOR NO 18º COLÓQUIO EM OUTUBRO 2012

















O JOSÉ NUNO CÂMARA PEREIRA FOI DE NOVO CONVIDADO PARA O 21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO





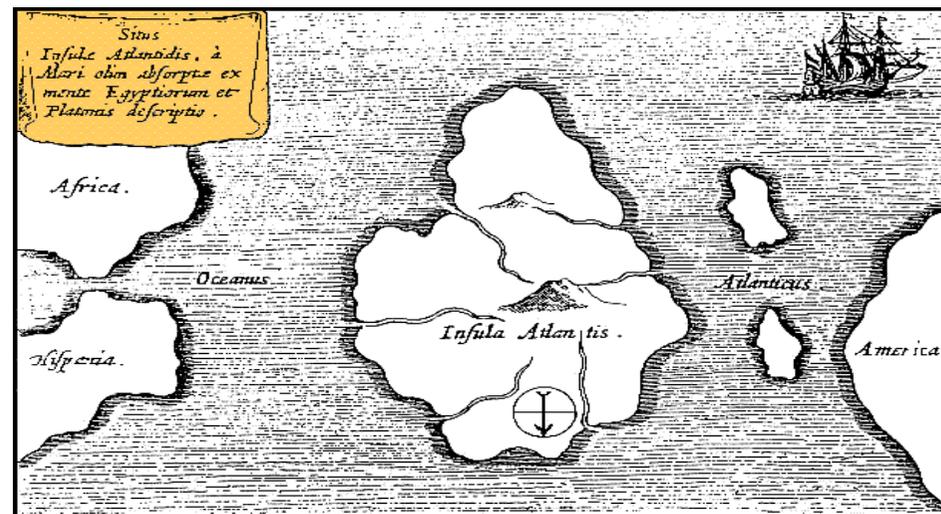




CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

CADERNO # 21 - edição setembro 2013

JOSÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA



Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia
(CHRYS CHRYSTELLO EDITOU ESTE NÚMERO)

Coordenação Helena e Chrys Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por ©™® COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)